

## A PRESENÇA DE MAQUIAVEL EM ITALO CALVINO<sup>1</sup>

Eliziane Mara de Souza – UFSC

eliziane.mara@gmail.com

Karine Simoni – UFSC

kasimoni@gmail.com

**Resumo:** A proposta desse artigo é verificar como o escritor italiano Maquiavel (1469-1527) está presente na obra de Italo Calvino (1923-1985), especificamente nos ensaios críticos e no epistolário, a fim de identificar como e por que se dá essa relação.

**Palavras-chave:** Maquiavel, Calvino, convergências, divergências.

**Abstract:** The purpose of this paper is to see how the Italian writer Machiavelli (1469-1527) is present in the work of Italo Calvino (1923-1985), specifically in the critical essays and correspondence, in order to identify how and why it occurs.

**Keywords:** Machiavelli, Calvino, convergences, divergences.

No ensaio *Por que ler os clássicos*, Italo Calvino, além de enumerar as razões para se ler um clássico, também elabora uma própria antologia de autores que ele considera exemplares. Nessa seleção estão presentes ensaios sobre seus escritores mais significativos, dentre os quais Ovídio, Ariosto, Stendhal, Leopardi, Balzac, Montale e Pavese.

Embora Calvino não dedique um ensaio exclusivamente a Maquiavel, o nome do escritor florentino e de seu livro mais famoso, *O Príncipe*, também são citados em

---

<sup>1</sup> Agradecemos À Andréia Guerini e Tânia Mara Moysés pelas considerações e textos disponibilizados.

*Por que ler os clássicos*, por isso, a proposta desse artigo é verificar como Maquiavel está presente na obra de Calvino, especificamente nos ensaios críticos e no epistolário, a fim de identificar como e por que se dá essa relação.

Inicialmente algumas convergências, mas também divergências, podem ser estabelecidas entre Calvino e Maquiavel. Conforme Barenghi e Falcetto (2002), assim como Maquiavel, Calvino teve uma ampla produção escrita, que inclui, além dos romances que compõem a maior parte de sua obra, textos teatrais, fábulas, poesias e um dos maiores epistolários da literatura italiana, o qual contém quase mil cartas. Calvino demonstrou em vários momentos o gosto por revistas humorísticas e pela ironia e, de forma semelhante, em Maquiavel o humor e o satírico estão presentes em obras como *Belfagor* e *Mandrágora*. Sobre a *Mandrágora*, obra de cunho anticlerical, Calvino afirma que ficou “completamente privado daquele gosto do anticlericalismo tão frequente e no qual [Maquiavel] cresceu no meio dos padres<sup>2</sup>” (*apud* BARENGHI; FALCETTO, 2002, p. 20).

Outro ponto particularmente interessante a ser destacado é que ambos os autores permaneceram, durante certo período, afastados de suas atividades profissionais, o que por sua vez refletiu nas suas respectivas produções literárias. Maquiavel, após mais de dez anos de atividades a serviço do governo de Soderini, foi preso, multado e sofreu tortura quando os Medici retornaram ao governo de Florença, em 1512. Posteriormente, ao conseguir uma anistia, adquiriu novamente a liberdade e seguiu para uma pequena propriedade que possuía nas proximidades de San Casciano, Siena. Foi nessa espécie de exílio político que ele escreveu *O Príncipe*, e de onde tentou retornar as atividades políticas, sem grande êxito. *A Mandrágora*, *Belfagor*, *Discursos* e

---

<sup>2</sup> Tradução nossa, assim como os demais textos traduzidos nesse artigo.

*Histórias Florentinas*, algumas das suas obras mais conhecidas, foram escritas posteriores a esse período de distanciamento da vida pública.

Assim como Maquiavel, Calvino também passou um tempo afastado do convívio social. Em 1943, “depois do 8 de setembro, relutante à ascensão da República de Salò, [Calvino] passa alguns meses escondido. É isso – segundo o seu testemunho pessoal – um período de solidão e de leituras intensas, que teriam um grande peso na sua vocação de escritor” (CALVINO *apud* BARENGHI; FALCETTO, 2002, p. 22). A importância deste período de reclusão transparece na seguinte passagem escrita pelo próprio Calvino: “Quando comecei a escrever eu era um homem de poucas leituras, literariamente eu era um autodidata cuja “didáxi” devia começar. Toda a minha formação adveio durante a guerra. Eu lia os livros das editoras italianas” (CALVINO *apud in* BARENGHI; FALCETTO, 2002, p. 24).

A leitura e a análise aprofundada das obras de literatura italiana e estrangeira, que segundo Calvino iniciaram durante a Segunda Guerra, podem ser observadas também nos seus ensaios críticos, escritos entre 1945 e 1985<sup>3</sup>. Com efeito, esses ensaios tiveram uma importância fundamental na obra de Calvino, como um instrumento crítico por excelência, nos quais o autor pôde manifestar a sua opinião e as suas reflexões sobre os mais diversos assuntos, obras e autores. Dentre os principais ensaios de Calvino podem ser citados *Questioni sul realismo* (1957), *La città di domani* (1957), *Appunti per una collana di ricerca morale* (1960), *Lo scaffale ipotetico* (1967), *Due interviste su scienza e letteratura* (1968), *Un progetto di rivista* (1970), *Una nuova collana: i ‘Centopagine’*, *La ‘Einaudi Biblioteca Giovani’* (1976), *Per chi*

---

<sup>3</sup> Para maiores informações sobre os ensaios e as cartas de Calvino ver: MOYSÉS, Tânia Mara, *Lettere e I libri degli altri: lições de literatura na biografia intelectual de Italo Calvino*. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2010.

*si scrive?*, *I livelli della realtà in letteratura* (1978), *Le età dell'uomo* (1982), *Omaggio a Octavio Paz* (1984).

A vasta produção ensaística de Calvino acompanhou o seu amadurecimento intelectual e foi reunida em coletâneas como *Una pietra sopra* (1980), *Lezione americane* (1985) e *Saggi* (1945-1985). Os ensaios de Calvino apresentam uma variedade de temas e formas, não sempre de fácil delimitação, pois muitos deles se aproximam a outros gêneros, surgindo assim as denominadas cartas com dimensões de ensaio, chamadas *carta-ensaio*, ou *o ensaio-carta* calvinianas. As características predominantes dos ensaios de Calvino são assim explicadas por Moysés:

O valor literário das cartas e ensaios reside, então, no fato de ser o próprio Calvino, em seu tempo real, a falar de si mesmo, de suas escolhas e exclusões, dos livros seus e dos livros dos outros, e das resenhas críticas de todos eles, no contínuo diálogo com seus interlocutores. Além disso, não falta, nesses textos, o enfrentamento de temas da civilização contemporânea, tais como a especulação imobiliária, a poluição luminosa, atmosférica e ambiental; a rejeição ao aborto e a defesa dos animais de laboratório, permitindo o desvendar aspectos de uma vida intelectual intensamente vivida e testemunhada de próprio punho. É também a vida literária a registrar épocas inteiras de uma determinada literatura (2010, p. 30).

Como é possível perceber, a escrita ensaística constitui-se para Calvino como um meio de expressar a sua opinião tanto sobre as próprias obras como sobre aquelas de outros autores. Da mesma forma, o epistolário do autor se mostra como um importante campo de pesquisa e também revela diferentes assuntos tratados por Calvino, incluindo as suas reflexões sobre a literatura, a crítica literária e a tradução.

Assim como Calvino, também Maquiavel possui um importante epistolário, composto de aproximadamente 85 cartas, escritas entre 2 de dezembro de 1497 e 18 de abril de 1527. Destas, apenas duas são conhecidas do público em geral: a carta de

dezembro de 1513, em que ele anuncia a escrita do *Príncipe*, e a carta datada de 09 de março de 1498, endereçada a Ricciardo Becchi, embaixador florentino em Roma, na qual Maquiavel relata a pregação de Savonarola<sup>4</sup>, em São Marcos. Um destino incomum para um epistolário considerado por Asor Rosa

[...] certamente o mais intenso e o menos literário (portanto, o mais moderno) da nossa literatura, que somente um mal-entendido senso de pudor e um preconceito de natureza retórica relegaram até agora à condição de documento humano ou de simples reservatório de idéias para a compreensão das obras maiores, revela com muita clareza a impossibilidade de estabelecer nele uma ruptura entre sensibilidade e inteligência, entre a estrutura material da psicologia e o funcionamento do cérebro (2009: p. 540).

Nas cartas estão presentes várias facetas de Maquiavel. Além do Maquiavel político, tem-se o Maquiavel literato, que revela suas preferências de leitura e o homem por trás do político, que mostra detalhes da vida pessoal, tais como sua rotina, seu relacionamento com a esposa e filhos, as amizades, entre outros. Desse modo, assim como o epistolário de Calvino, as cartas de Maquiavel constituem-se como um espaço para compreender as relações com seus amigos, familiares, literatos e editores, além de conterem assuntos de caráter crítico, literário, político e filosófico.

Apesar das várias analogias entre os dois autores, Calvino não se refere a Maquiavel de modo exaustivo. Uma das primeiras referências de Calvino a Maquiavel está no ensaio *Guia à Chartrôse para uso dos novos leitores* (1982). Nesse ensaio, Calvino tece comentários sobre *A Cartuxa de Parma* (1839), de Stendhal e associa as obras desse autor francês e Maquiavel, afirmando que *A Cartuxa de Parma* foi definida por Balzac como “o Príncipe de um novo Maquiavel”. Para Calvino,

---

<sup>4</sup> Girolamo Savonarola (1452-1498), frade dominicano e político nascido em Ferrara, governou Florença por um breve período no final do século XV e acabou queimado na *Piazza della Signoria*. Para mais informações ver BIGNOTTO (2003, p. 10-11).

Uma leitura histórica e política da *Chartrôse* foi uma via fácil e quase obrigatória, partindo de Balzac (que definiu esse romance como o Príncipe de um novo Maquiavel!), assim como foi igualmente fácil e obrigatório demonstrar que a pretensão stendhaliana de exaltar os ideais de liberdade e progresso sufocados pela Restauração é bastante superficial (1998, p. 145).

Se nos ensaios críticos de Calvino Maquiavel não é muito citado, o mesmo se pode dizer do epistolário. No vasto conjunto de cartas que Calvino trocou com familiares, amigos, escritores, editores e tradutores, parece haver apenas duas indicações bibliográficas de Maquiavel, que dizem respeito à *Belfagor*, uma fábula de cunho satírico sobre um Arquidiabo que desce à terra para se casar e assim confirmar ou não a hipótese de que o casamento é pior do que o inferno. Calvino cita também a publicação pela *Biblioteca da Pléiade* da obra de Maquiavel<sup>5</sup>, mas as cartas não remetem diretamente a assuntos específicos das obras desse importante autor do século XVI.

Já no ensaio *Três correntes do romance italiano de hoje* (1960), Calvino afirma o seu interesse pela relação entre a fábula e as antigas formas de romance “como o romance cavalheiresco do medievo e os grandes poemas do nosso Renascimento” (2001-I, p. 74). Nesse texto, o nome de Maquiavel aparece associado ao de Ariosto, possivelmente porque foram contemporâneos. Maquiavel inclusive atesta que leu o *Orlando Furioso*, a grande obra de Ariosto, ao se lamentar que o autor teria esquecido de o mencionar no rol de poetas constantes no livro, conforme uma carta de 17 de dezembro de 1517, endereçada a Lodovico Alamanni. Nessa carta Maquiavel escreve:

---

<sup>5</sup> Refere-se a Niccolò Machiavelli. *Opere*, a cura di Corrado Vivanti; Niccolò Machiavelli *Lettere, legazione e commissarie*, a cura di Corrado Vivanti e Niccolò Machiavelli, *Opere III*, Gli scritti letterari, a cura di Corrado Vivanti.

Eu li por esses dias o Orlando Furioso de Ariosto, e realmente o poema é muito bonito, e é admirável em muitas partes. Se você o encontra por esses dias, mande lembranças minhas a ele, e lhe diga que eu só me lamento que, tendo lembrado de tantos poetas, tenha me deixado para trás como um saco, e que aquilo que ele fez para mim no seu Orlando, eu não farei a ele no meu Asino (Maquiavel *apud* GAETA, 1961, p. 383).

Calvino atesta a sua admiração pelo autor do poema épico *Orlando Furioso* e afirma que não cansa de reler a obra, pois Ariosto é um “incrédulo italiano do século XVI” (CALVINO 2001-a, p. 74). Por sua vez, para Calvino Maquiavel “funda sobre aquela mesma noção desencantada da humanidade uma dura idéia de ciência política” (2001-a, p. 74). Desta forma, para o escritor de *As cidades invisíveis*, Maquiavel e Ariosto se destacam porque, vivendo praticamente no mesmo período, parecem ter visto o seu tempo e o ser humano na sua dimensão mais próxima à realidade e sem ilusões.

No ensaio que serve como introdução à obra *Novelline popolari siciliane*, di Giuseppe Pitrè (1978), ao tratar de histórias de terror, Calvino faz alusão a *Belfagor*, o *Arquidiabo*, novela escrita entre 1518 e 1527 que satiriza os costumes florentinos da época. Segundo Calvino, a fábula *Lu Diavulu Zuppiddu*, compilada por Giuseppe Pitrè, consiste numa “variante popular da novela misógina do diabo que se casa, cujo tema também Maquiavel de Belfagor se deixou tentar” (CALVINO, 2001,b,p. 1629-1630).

Na terceira parte do ensaio *Cocteau angelico, Caldwell moralista, da Éschilo a García Lorca* (L'Unità, 1946), Calvino efetua uma reflexão sobre as origens religiosas do teatro e atribui a formação dessa forma de arte a um sentimento de culpa presente em toda a sociedade. Nas palavras de Calvino, “Talvez as origens religiosas do teatro sejam devidas a um complexo de culpa coletivo. Quando uma sociedade começa a sentir a necessidade de se denunciar, de se confessar, de se desinfetar, eis o teatro:

Ésquilo, Plauto, Maquiavel, Molière, Ibsen, O'Neill” (2001, b, p. 2139). Como se percebe, Calvino insere Maquiavel dentre os principais autores que escreveram peças de teatro e que, portanto, desempenharam importantes papéis nas sociedades nas quais estavam inseridos.

Vale lembrar que Maquiavel, além de obras políticas, escreveu também peças de teatro: *Clizia* (1525) e *A Mandrágora* (1518). No século XX, houve um aumento do interesse pela comédia *Mandrágora*, que foi encenada em várias partes do mundo, inclusive no Brasil, primeiro por Augusto Boal no Teatro Arena em São Paulo, e depois em 1975, no Teatro Casa Grande no Rio de Janeiro, dirigida por Paulo José.

Outros textos nos quais Calvino se dirige a Maquiavel são os ensaios *Celeste Negarville* e *Letteratura e potere (su un saggio di Alberto Asor Rosa)*. No primeiro, o autor narra fatos da vida de Negarville, subsecretário de Comércio Exterior do Governo Parri (1945), operário comunista, político e membro da direção do Partido Comunista Italiano (PCI). Calvino descreve o protagonista como um homem senhor de si, que evoca as imagens da raposa e do leão de Maquiavel. Estas imagens se referem ao Capítulo XVIII do *Príncipe*, no qual Maquiavel defende a mimese entre o Príncipe e os atributos da raposa e do leão:

E, posto que é necessário a um príncipe saber usar do animal com destreza, dentre todos eles deve escolher a raposa e o leão, pois o leão não pode defender-se de armadilhas, e a raposa é indefesa diante dos lobos; é preciso, pois, ser raposa para conhecer as armadilhas, e leão para assustar os lobos (MAQUIAVEL, 2010, p. 105).

Já no ensaio sobre Asor Rosa, Calvino destaca que para Maquiavel o conceito de verdade aplicado à política consiste no fato que ela [a verdade] “seja identificada com a mísera realidade de um poder como fim em si mesmo e com a astúcia para

adquiri-lo e mantê-lo” (2001, *b*, p. 1839). Há aqui uma correspondência direta com *O Príncipe*, consagrado pela crítica e pelos leitores como um tratado para a conquista e manutenção do poder<sup>6</sup>.

Como se procurou mostrar, embora Calvino não tenha dedicado um texto unicamente a Maquiavel, nem se detido longamente sobre ele, o autor florentino está presente em vários ensaios e parece ter sido um autor constantemente lido por Calvino, a considerar a sua própria declaração a um crítico que o entrevistava. Nessa entrevista, publicada em forma de ensaio com o título *Due interviste su scienza e letteratura* (1968), Calvino deixa transparecer que naquele momento seus interesses se voltam para as experimentações literário-científicas, que por sua vez culminariam na narrativa combinatória dos romances *O castelo dos destinos cruzados* (1969), *As Cidades Invisíveis* (1972) e *Se um viajante numa noite de inverno* (1979). Assim, Calvino parece relativizar as diferenças, enquanto busca “um caminho do meio” entre ciência e literatura, consideradas extremas, ao mesmo tempo que surge o desafio de utilizá-las concomitantemente:

Em algumas situações é a literatura que pode servir indiretamente como uma mola propulsiva para o cientista, como exemplo de coragem na imaginação, no levar uma hipótese a uma extrema consequência, etc. E assim em outras situações pode acontecer o contrário. Nesse momento, o modelo da linguagem matemática, da lógica formal, pode salvar o escritor do desgaste em que as palavras e as imagens são vencidas pelo seu uso falso. (CALVINO, 2001, *a*, p. 231; 237).

---

<sup>6</sup> Bignotto manifesta-se contrariamente “*O Príncipe* não pode, no entanto, ser lido como um manual, para os que desejam conquistar o poder e mantê-lo. Maquiavel procura combater as ilusões dos que se refugiam nas utopias bem intencionadas, mas também mostra ser uma ilusão a idéia de que existe um caminho perfeito para garantir o domínio sobre os outros, seja pela força, seja pela astúcia ou contando com a sorte” (2008, p. 59).

Daí a razão pela qual considera Galileu o maior escritor da língua italiana: “na direção em que trabalho agora, encontro maior nutrimento em Galileu, como precisão de linguagem, como imaginação científico-poética, como construção de conjecturas” (2001, *b*, p. 232).

Após essa declaração, Carlo Cassola, o crítico do *Corriere della Sera* que o entrevistava, faz uma provocação dizendo que pensava que fosse Dante, e Calvino, então, esclarece que se referia ao escritor de prosa e não ao de poesia. Essa conversa é reveladora porque na sequência Calvino declara que Maquiavel é um autor deveras importante:

Quando eu disse que Galileu continua ser o maior escritor italiano, Carlo Cassola saltou a dizer: o quê, julgava que era Dante! Obrigadinho, que bela descoberta. Eu, em primeiro lugar, tinha intenção de dizer escritor em prosa; e então aí a questão põe-se entre Maquiavel e Galileu, e eu próprio fico embaraçado porque também amo muito Maquiavel<sup>7</sup>.

É possível deduzir que a estima de Calvino por Maquiavel, comparado a Galileu, adveio de incessantes leituras e releituras. Por que Calvino amava Maquiavel? Para responder a essa pergunta será necessário um estudo mais aprofundado, afinal, nas palavras do próprio Calvino: “o amor é cego. E mudo” (BARENGHI; FALCETTO, 2002, p. 33-4).

---

<sup>7</sup> Disponível em: < <http://dererummundi.blogspot.com/2007/04/galileu-e-lua.html> > Acesso em 24 de junho de 2011.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARENGHI, MARIO; FALCETTO, Bruno. Cronologia. In: CALVINO, Italo. *Se una notte d'inverno un viaggiatore*. Presentazione dell'autore. Milano: Mondadori, 2002, XVII-XLVI.

BARROSO, Ivo. "A literatura vista como resistência". Disponível em: <http://www.revistadigital.com.br/leitura.asp?NumEdicao=513>. Acesso em 13 de março de 2011.

BIGNOTTO, Newton. *Maquiavel*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. "O Príncipe, a história real dos homens". In: *Historia Viva Grandes Temas*. Duetto: São Paulo, n. 15. 2008, p.5 6-59.

CALVINO, Italo. Celeste Negarville. In: *Saggi (1945-1985)*. A cura di Mario Barenghi. Introduzione di Mario Barenghi. 3ª ed. V. II. Milano: Mondadori, 2001, *b*, pp. 2150-2157.

\_\_\_\_\_. Da Eschilo a García Lorca. In: *Saggi (1945-1985)*. A cura di Mario Barenghi. Introduzione di Mario Barenghi. 3ª ed. V. II. Milano: Mondadori, 2001, *b*, pp. 2138-2139.

\_\_\_\_\_. Due interviste su scienza e letteratura (1968) *Saggi* (1945-1985). A cura di Mario Barengi. Introduzione di Mario Barengi. 3ª ed. V. I. Milano: Mondadori, 2001, *a*, p.231-7.

\_\_\_\_\_. Guia à *Chartreuse* para uso dos novos leitores. In: *Porque ler os clássicos*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. pp. 140-146.

\_\_\_\_\_. *Novelline popolari siciliane*, de Giuseppe Pitre. In: *Saggi* (1945-1985). A cura di Mario Barengi. Introduzione di Mario Barengi. 3ª ed. V. II. Milano: Mondadori, 2001, *b* pp. 1629-1632.

\_\_\_\_\_. Letteratura e potere (su un saggio di Alberto Asor Rosa). In: *Saggi* (1945-1985). A cura di Mario Barengi. Introduzione di Mario Barengi. 3ª ed. V. II. Milano: Mondadori, 2001, *b*, pp. 1832-1840.

\_\_\_\_\_. *Ponto Final - Escritos sobre literatura e sociedade*. Teorema, 2003.

Disponível em: <http://dererummundi.blogspot.com/2007/04/galileu-e-lua.html>. Acesso em 13 de março de 2011.

\_\_\_\_\_. Tre correnti del romanzo italiano d'oggi. In: *Saggi* (1945-1985). A cura di Mario Barengi. Introduzione di Mario Barengi. 3ª ed. V. I. Milano: Mondadori, 2001, *a*, pp. 61-75.

MACHIAVELLI, Niccolò. *A arte da guerra. A vida de Castruccio Castracani. Belfagor, o arquidiabo*. Trad. Sérgio Bath. Brasília: UnB, 1980.

\_\_\_\_\_. *A mandrágora*. Trad. Mario Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

\_\_\_\_\_. *Il principe e pagine dei discorsi e delle istorie*. Disponível em: <http://www.classicalitaliani.it/index007.htm>. Acesso em 13 de março de 2011.

\_\_\_\_\_. *Lettere*. A cura di Franco Gaeta. Milano: Feltrinelli, 1961.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. Trad. Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MOYSÉS, Tânia Mara. *Lettere e i libri degli altri : lições de literatura na biografia intelectual de Italo Calvino*. 368 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2010.